

Salas de aula invertidas

Dando continuidade ao tema iniciado no mês passado sobre as salas de aula viradas de cabeça para baixo, ou invertidas, vamos compartilhar mais alguns aspectos dessa metodologia. De acordo com os autores, Jonathan Bergmann e Aaron Sams, professores de ciências no Colorado/EUA, esse projeto começou em 2007, quando passaram a usar um software que permitia que gravassem suas aulas em ambiente real. A partir daí, eles pararam de dar aulas expositivas presenciais, uma vez que elas já estavam gravadas, e os vídeos se tornaram um veículo para aprofundar a aprendizagem dos alunos. Como a proposta é baseada nos vídeos, muitas vezes os professores se veem diante de alunos que ainda não têm acesso à internet em casa, e eles precisam ser criativos. Os vídeos, então, podem ser salvos em pen drives, ou DVDs, ou ainda transferidos para os smartphones. O importante é que todos tenham acesso a eles.

Outro ponto da metodologia é o desenvolvimento profissional dos professores, composto de duas partes: a primeira consiste na formação de um grupo que, a partir de sua experiência, possa conversar com outros sobre a sala de aula de cabeça para baixo; a segunda, na criação de uma organização ou associação na qual os professores possam se reunir para receber e trocar informações sobre suas experiências com a proposta. Para que o desenvolvimento profissional tenha sucesso, é necessário que os docentes assistam aos vídeos sobre *flipped classrooms*, tanto na sua área quanto em diferentes séries acadêmicas, pois assim eles podem perceber o que outros estão fazendo e que não estão trabalhando sozinhos.

Enfim, a pergunta-chave para essa proposta - e que dá início aos debates - é a seguinte: qual a melhor maneira de se utilizar o tempo de aula presencial? Sabemos que, certamente, não é apenas com a exposição oral, mas com atividades que exijam a participação ativa do aluno, questionando e desenvolvendo projetos efetivos e significativos. Os autores da proposta foram questionados sobre as vantagens ou não de os professores desenvolverem seus próprios vídeos, ao invés de utilizarem tecnologias já prontas. Eles revelaram que, nos vídeos produzidos pelos professores, os alunos têm mais facilidade de se conectar. Porém, alguns professores têm dificuldade para desenvolvê-los. Os autores sugerem então que, sempre que possível, eles produzam seus próprios vídeos, mas, caso não se sintam à vontade, utilizem vídeos de bancos de objetos de aprendizagem ou produzidos comercialmente. Essa proposta nos parece inovadora e desafiadora, por isso a compartilhamos. Esperamos que você consiga, de alguma maneira, modificar a sua prática pedagógica, e mesmo que não consiga virar sua sala de aula totalmente de cabeça para baixo, que ensaie algumas cambalhotas. ■



Lígia Silva Leite
Pós-doutora em Tecnologia Educacional e professora adjunta em cursos de mestrado e doutorado
ligialeite@terra.com.br